Algumas palavras sobre esta introdução ao estudo da religião

Seguir a religião em sua letra, em seu espírito, em sua história, em seu dogma, em sua moral, em seu culto, em seus meios e em seu fim, desde o começo do mundo até nossos dias e na eternidade: tal é o plano que esboçamos nesta introdução e desenvolvemos nos oito volumes do Catecismo de perseverança.

Esse método apresenta, parece-nos, várias vantagens.

1° Conforme à ordem providencial de ensino, torna o estudo agradável e fácil, pondo a religião, no que ela tem de mais convincente e de mais amável, ao alcance das mais fracas inteligências.

A história é o ensino dos fatos. Ora, toda a religião repousa sobre fatos; digamos melhor, a religião inteira é um fato extenso como os séculos, imenso como o mundo, durável como a eternidade. O ensino da religião deve, pois, ser histórico.

Desse ensino todo histórico não tiramos apenas a vantagem de sermos compreendidos pelos jovens cristãos, mas ainda a de formar-lhes o coração para a virtude, fazendo-os travar conhecimento com seus modelos e seus pais na fé, os Patriarcas, e os Profetas, os Mártires e os principais Santos de todas as idades. Há melhor meio de nutrir sua terna imaginação de imagens graciosas e puras, sua memória de lembranças salutares, e de traçar-lhes com segurança o caminho da vida? Não é facilitar-lhes a inteligência dos livros de piedade e das instruções pastorais, onde necessariamente se fala dos grandes personagens do Antigo e do Novo Testamento ou da história da Igreja, a pessoas que muitas vezes os conhecem menos que os heróis da antiguidade profana ou as divindades da Fábula?

Daí nasce outra vantagem, remédio eficaz ao naturalismo de nosso século. Com efeito, esse ensino mostra aos menos clarividentes o lugar importante que ocupam, no plano da redenção e, por conseguinte, da felicidade mesma temporal do universo, as instituições católicas, tão pouco conhecidas, o sacerdócio hoje tão desdenhado; os Santos, que se ousa acusar de loucura, e sobretudo essas Ordens religiosas cuja utilidade tão incontestável é, no entanto, cegamente contestada pelos homens de dinheiro, que não conhecem outras leis senão as da mecânica, outra vida senão a do balcão, outras associações senão as associações industriais e mercantis.

2° Esse método dispensa o socorro laborioso e muitas vezes inútil do raciocínio[1].

Como o melhor meio de provar o movimento é andar, assim o melhor silogismo em favor do cristianismo é mostrá-lo tal como é. A que homem de bom senso ocorreu jamais a ideia de provar a solidez das pirâmides? Essas massas imponentes, mantendo-se imóveis há milhares de séculos, eis a prova de sua solidez. Do mesmo modo, não dizemos: Viemos provar que o cristianismo é divino, social, benfazejo; que seu dogma é sublime, sua moral amável e pura, seu culto magnífico e comovente; contentamo-nos em dizer: Olhai.

Quando, do alto da montanha solitária, durante a calma perfeita de uma bela noite de verão, vedes a rainha dos astros avançar majestosamente no horizonte para tomar posse de seu império, cintilante de miríades de estrelas, pedis silogismos para crer na magnificência dos céus? Não exclamais, transportados de admiração:

> *Os ceos publicão a gloria de Deos, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos*[2]*?*

Do mesmo modo, quando o olho do espírito, abraçando o imenso horizonte das idades, contempla o magnífico edifício do cristianismo, começado na origem do mundo, desenvolvendo pouco a pouco suas gigantescas proporções, atravessando imutável sessenta séculos de tempestades, sobrevivendo à ruína de todas as instituições humanas, triunfando com igual facilidade das paixões dos povos, das perseguições dos reis e da raiva do inferno, como não exclamar: *«O dedo de Deos está aqui»*[3]!

Quando se veem todas as partes desse grande Todo tão perfeitamente ligadas umas às outras que todas e cada uma em particular são necessárias à harmonia geral; quando se vê essa religião sempre jovem apesar de sua grande idade, sempre à frente da razão e de seus progressos, apesar de sua miraculosa imobilidade; quando se reflete nesse fato imenso, sempre antigo e sempre novo, que dá conta de tudo e sem o qual não se saberia dar conta de coisa alguma; numa palavra, quando se vê o cristianismo em seu majestoso conjunto, como não exclamar: Obra-prima do Todo-Poderoso! maravilha inexplicável à razão[4]!

Para que, depois disso, a arte mesquinha do silogismo para provar sua divindade? Bem digno de pena seria aquele que, à vista do céu, não confessasse a existência de Deus; mais digno de pena aquele que, à vista do cristianismo na magnificência de sua história e de seus benefícios, não caísse de joelhos e não adorasse no aniquilamento da admiração e do amor.

Digamos, com um Padre da Igreja, que a religião é uma grande princesa, filha do céu, toda radiante de claridades imortais e a quem não convém vir medir-se em campo fechado com o erro, ignóbil produto do inferno ou das fraquezas humanas. Basta que se mostre em todo o esplendor de sua majestade; sua vitória está em sua presença. Acrescentemos com outro:

>

> *Saibamo-lo bem: discutir sobre a verdade de uma religião que vemos confirmada pelo depoimento sangrento de tão grande número de testemunhas é coisa muito perigosa. Sim, é muito perigoso, depois dos oráculos dos profetas, depois do testemunho dos apóstolos, depois dos tormentos dos mártires, vir discutir a fé dos séculos, como se tivesse nascido ontem*[5].

Aliás, a exposição completa da religião encerra todos os raciocínios mais concludentes em favor do cristianismo, pois estabelece de maneira peremptória a verdade destas três proposições, resumo de toda demonstração religiosa:

1° Há uma religião verdadeira, ou há seis mil anos todos os homens são loucos;

2° Essa religião se acha no cristianismo, ou não está em parte alguma;

3° O cristianismo se acha na Igreja católica, ou não está em parte alguma.

Se esse método amplo dispensa todas as provas particulares, torna também vãs e ridículas todas as objeções: vantagem inestimável, mas exclusiva da exposição completa do cristianismo.

Estendei sobre uma mesa, aos olhos de um ignorante, todas as peças que compõem o mecanismo de um relógio; sobre cada peça ele poderá fazer-vos perguntas e dificuldades sem fim. Julgará ver mil defeitos de precisão e de harmonia; chegará talvez a negar a possibilidade do movimento. Em todo caso, estando as peças esparsas, jamais lhes compreenderá as relações. Tentareis convencê-lo pelo raciocínio? Eis-vos reduzido a perder-vos, a cada parte, em explicações e demonstrações cujo único efeito será talvez cansar-vos inutilmente, embrulhar cada vez mais as ideias de vosso adversário e confirmá-lo em suas falsas opiniões.

Mas que o relojoeiro, sem entrar em nenhum pormenor, retome essas diferentes peças, recoloque cada uma em seu lugar e componha um mecanismo perfeitamente regular: que se tornam as objeções? que se tornam as dúvidas?

Do mesmo modo, quando o cristianismo nos foi mostrado tal como é em suas magníficas harmonias, que se tornam os como e os porquês da incredulidade?

3° Esse método é o melhor remédio às grandes doenças de nossa época: a indiferença, a ignorância, o racionalismo e o ecletismo anticristão.

A indiferença é filha da dúvida, e a dúvida é filha do livre pensar. Desse livre pensar, a Renascença foi a mãe na Europa moderna, Lutero o padrinho[6], os missionários mais ardentes Voltaire e sua escola, a vítima nosso século, os efeitos todos os males que sofremos, sem contar os que nos esperam.

Atacado em todos os pontos e em todos os pontos permanecendo senhor do campo de batalha, o cristianismo recebe, desde alguns anos, a homenagem intelectual de um número assaz grande de vencidos. Só o coração permanece indiferente: recusa submeter-se porque teme o nobre vencedor,

e o teme porque não o conhece. E eis que o mostramos tal como é, o amigo dos corações, o rei do amor; dizendo de sua parte aos corações rebeldes: Muitos pecados vos serão perdoados se amardes muito; e aos corações enfermos, aos corações quebrantados, aos corações vítimas de cruéis desenganos, ai!, e o número deles é grande:

> *Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei;*

vivei sob minha lei e achareis a alegria e o repouso.

Quanto à ignorância, não parece à primeira vista crível que nosso século, queremos falar da porção letrada, seja muito mais que o século precedente estranho ao conhecimento dos dogmas cristãos; e, no entanto, por pouco que se olhe de perto, compreender-se-á facilmente que deva ser assim. O século XVIII, tornado ímpio e libertino quando adulto, havia contudo recebido, desde o berço, uma educação religiosa. É o contrário para o século XIX; ninguém lhe falou de religião nos dias de sua infância. A república, que o embalou, só repetia a seu ouvido os nomes da Grécia e de Roma. Nos liceus e nos bivaques do império, só aprendeu a calcular e a marcar o passo.

Mais tarde, é verdade, a religião foi chamada aos colégios; mas, relegada ao fundo de seu santuário, sobre um altar abandonado, que pode ela, senão orar e, como Raquel, derramar lágrimas inesgotáveis pela sorte de seus filhos, que muitas vezes o vício e a impiedade disputam a sua ternura maternal e devoram sob seus olhos? Nosso século ignora, pois, a religião, mesmo quando lhe compreende a necessidade e se sente levado para ela. Essa tendência lhe vem sobretudo do instinto de conservação que se desperta mais vivo no coração dos povos, como no dos indivíduos, à medida que o perigo é maior. Mas esse nobre sentimento ainda poderia desviá-lo se não se tomasse o cuidado de fazer luzir a seus olhos, em toda a sua pureza, o facho da verdadeira doutrina. Ora, para curar essas duas grandes doenças, a indiferença e a ignorância, há melhor meio que uma clara e completa exposição da fé?

Outra calamidade que devemos, como a indiferença, ao livre pensar e a outras causas que seria longo demais enumerar aqui é a tendência manifestamente anticristã que domina outra porção da sociedade atual. Daí veio, com a negação audaciosa e tantas vezes repetida da divindade do Filho de Deus, a opinião infelizmente tão espalhada de que o cristianismo já deu o que tinha a dar; de que as sociedades podem constituir-se e viver sem ele, longe dele, apesar dele; de que a religião é coisa acessória no mundo, e Jesus Cristo uma espécie de monarca destronado que já não merece ser consultado nem obedecido. Nosso século, que não duvida de nada, porque não duvida de si mesmo, toma esses grosseiros embustes por oráculos e faz deles a regra de sua conduta. Daí as utopias monstruosas, os castigos multiplicados e as revoluções sangrentas de que o mundo é vítima. Ora, da exposição completa da religião.

Resulta 1° que a divindade de Nosso Senhor é o primeiro axioma de todo espírito razoável e a pedra angular de toda filosofia;

Resulta 2° que, longe de ser coisa acessória no mundo, o cristianismo é, ao contrário, a alma de tudo, o eixo em torno do qual gira todo o governo do universo. Como o sol atrai a si todos os astros e os arrasta em sua imensa órbita, assim a religião, verdadeiro sol da criação, arrasta em seu movimento tanto os impérios quanto os reis, e os povos, e essa infinita variedade de causas remotas ou próximas que contribuem para a formação ou a dissolução das monarquias, as artes, as ciências, a literatura, a paz, a guerra, as derrotas e as vitórias; numa palavra, os homens e suas paixões, e suas virtudes, e toda a sua vida; de tal sorte que o cristianismo é a última palavra de todas as coisas.

Resulta 3° que, longe de ser um monarca destronado que já não merece nem deferências, nem respeito, nem obediência, Jesus Cristo é o rei imortal dos séculos; que é ele quem eleva os impérios e quem os abaixa; que os glorifica e os conserva se são dóceis a suas leis, ou os quebra como vasos de argila se ousam dizer-lhe, como os judeus: *«Não queremos que este seja nosso rei»* [7].

Credes talvez que essa parte da humanidade, esses indivíduos e essas nações que se revoltam contra Jesus Cristo se subtraem realmente a seu império e deixam de contribuir para a sua glória; desenganai-vos. Criador de todas as coisas, Deus diz a cada povo, ao tirá-lo do nada, como o diz à criança recém-nascida:

> *Foste criado e posto no mundo para conhecer, amar e servir Jesus Cristo, meu filho, Rei dos reis, Senhor dos senhores, a quem dei todas as nações em herança: eis a tua lei. Para ti, felicidade e glória se a observares, vergonha e infelicidade se a violares; mas, quem quer que sejas, observador ou violador dessa lei imutável, nem por isso contribuirás menos para a glória de meu Filho, nem por isso deixarás de permanecer sob seu império.*

E eis que, de história universal na mão, mostramos essa lei cumprindo-se com rigorosa precisão. Desde o povo judeu até o império francês, vemos, em ponto certo, as nações felizes enquanto reconhecem Jesus Cristo por seu rei, e infelizes a partir do momento em que se revoltam contra ele. A vista de sua felicidade firma-lhe o império, ensinando aos outros a amá-lo, como o espetáculo de seus males e o estrondo de sua ruína firma-lhe o império, ensinando aos outros a tremer diante dele.

Tal é a filosofia que ressalta com brilho do ensino completo da religião. Filosofia simples e sublime!, porque é verdadeira, e verdadeira porque é toda cristã. Filosofia bem própria para curar nosso século!, pois hoje mais do que nunca pode confirmar suas lições por exemplos autênticos. Filosofia verdadeiramente divina!, que enche a alma de religião mostrando-nos o soberano Moderador dos mundos sentado em seu trono imutável, tendo nas mãos as rédeas de todos os impérios e fazendo servir os reis e os povos, os projetos e as paixões dos homens ao cumprimento desse único desígnio: a redenção do gênero humano por Jesus Cristo.

Há, não o credes?, nesse simples apanhado, com que derrubar pela base todas as teorias tão pouco filosóficas de que nossa época está inundada e de que somos as tristes vítimas. Há também, parece-nos, com que alargar sem medida o horizonte da inteligência e elevar o gênio até as mais altas regiões da verdade.

Nossa época é trabalhada por outro mal, produzido como o precedente pelo livre pensar: é o ecletismo anticristão, ou a mania de reformar a religião, de arranjá-la segundo as opiniões móveis do momento, de tomar nela e nela deixar, numa palavra, de fazer um cristianismo a gosto de todos. Que remédio a esse mal? O melhor, sem contradita, é ainda a exposição completa da fé católica.

Desse ensino universal, como o quer Santo Agostinho, resulta que o cristianismo não é obra do homem, mas de Deus; que não saiu imperfeito das mãos de seu autor, mas perfeito; que, se pediu desenvolvimentos, não os pediu ao homem, mas a Deus, a quem só pertence concedê-los; enfim, que o cristianismo, imutável como Deus, é, em sua manifestação, tão antigo quanto os tempos e tão durável quanto a eternidade, porque Jesus Cristo, que lhe é o fundamento e a vida, era ontem, é hoje e será o mesmo pelos séculos dos séculos.

Daí estas duas consequências igualmente necessárias: que nunca houve e nunca haverá senão uma única verdadeira religião, assim como só há um único Mediador entre Deus e os homens; que não pertence a nenhum homem, a nenhum século modificar a religião ou fazê-la descer, submetendo-a ao Estado, do posto supremo que ocupa por direito de nascimento; de modo que só ela tem o direito absoluto, eterno, de repetir a famosa palavra: Sou Rainha, ou nada sou, Aut nihil, aut Cæsar.

Por esse único golpe é cortada a raiz das diferentes seitas de filosofia e de política religiosa que, todas, se fundam seja na possível absorção do poder de Deus pelo poder do homem, seja na possibilidade de um culto novo, isto é, na pretensa subordinação, insuficiência ou alteração do culto verdadeiro; em definitivo, na existência possível de uma religião diferente do cristianismo atual: suposição tão perigosa quanto absurda, renovada em nossos dias por certos espíritos dignos de sustentar uma causa melhor.

Assim é que a religião, apresentada como deve sê-lo, basta para dissipar todos os erros que as paixões do homem ou sua fraqueza lhe podem opor no decorrer dos séculos, assim como basta ao sol mostrar-se no horizonte, brilhante de todos os seus fogos, para dissipar tanto as sombras da noite quanto as nuvens que os ventos desencadeados amontoam em sua passagem.

4° Apresentando cada fato, cada ideia em sua relação com o plano geral da religião, nosso ensino tem a vantagem de classificar todos os conhecimentos particulares e de dar a cada um, com o lugar que lhe convém, o grau de importância que merece. Hoje grande número de espíritos, fatigados da dúvida, ocupam-se da religião; mas o fazem com demasiada frequência sem guia, sem bússola, sem plano fixado e suficientemente amplo. Daí muitos esforços, ainda que conscienciosos, mas estéreis porque isolados; daí grandes passos, se se quer, mas poucos progressos verdadeiros; daí pedras e materiais espalhados pelo chão, mas edifício nenhum; daí uma religiosidade vaga, símbolos incompletos, sem ação real e sustentada sobre a conduta.

Diga-se de passagem, a observação que fazemos aqui sobre o estudo da religião aplica-se com igual verdade ao estudo dos conhecimentos humanos. Hoje as especialidades estão em toda parte, a ciência em parte alguma; tal é a queixa dos homens mais distintos por seu saber. Como poderia ser de outro modo? Laço necessário dos espíritos e das ideias, porque é a fonte e o centro de toda verdade, a religião já não domina as investigações científicas para esclarecê-las, dirigi-las, coordená-las, ampliá-las, reconduzindo-as a uma unidade superior. Tendes raios de luz, mas o foco luminoso vos escapa. Sendo os dados religiosos o princípio gerador das ciências e a solução obrigatória de seus últimos problemas, resulta que a ciência sem a religião é um livro a que faltam o começo e o fim.

Voltemos ao estudo da religião e demos alguns exemplos. Tomais isoladamente a história de Judite ou de Ester? Tendes um episódio dramático, sem dúvida, mas nada mais. Se, ao contrário, a estudais na economia geral da religião, esse fato adquire de repente um alto grau de importância. Vedes que se liga admiravelmente ao plano sublime da Providência para a conservação, no povo judeu, da grande promessa do Libertador. É preciso dizer o mesmo da história de Ciro, de Alexandre, de Augusto, etc.

Se do domínio dos fatos passardes ao das ideias, vereis por que em tal século tal ideia foi trazida à luz e propagada, seja por um grande personagem, seja até por um corpo religioso. O mesmo se dá com as grandes virtudes. A relação conhecida de todas essas coisas com o plano geral da Providência dá-lhes de repente, a vossos olhos, a importância que merecem. Vós as vedes em sua causa, em seu resultado, em sua ligação com a situação atual da Igreja e do mundo, com os fatos, as ideias e os costumes da época; numa palavra, para empregar a linguagem tão profundamente filosófica da Escritura: Conheceis, tanto quanto o permitem as salutares obscuridades da fé, seu número, seu peso e sua medida. Todos os vossos estudos particulares tomam um alto interesse; nada se perde; a luz se faz em vossa inteligência, e uma fé inabalável, uma justa apreciação dos homens e das ideias, uma alta filosofia da história e talvez a iluminação súbita do gênio serão o feliz fruto de vosso estudo.

5° Enfim, esse ensino oferece o mais eficaz de todos os remédios ao egoísmo que nos devora e aos males que dele decorrem; pois não somente dá a conhecer o cristianismo em seu magnífico conjunto, mas ainda o faz amar.

Nosso século não sabe mais amar, pois ou não ama ou ama mal. A violação dessa lei primordial é a causa das convulsões inauditas de que a Europa moderna é vítima; pois a desordem e o castigo estão sempre em relação com a violação da lei. Estaria logo curado, esse mundo infeliz, se quisesse abrir seu coração ao amor verdadeiro[8].

Para ajudá-lo a cumprir esse dever salutar, nosso ensino lhe faz apreciar e como que tocar com o dedo os benefícios do cristianismo a respeito de cada um de nós e de cada parte de nosso ser, em todas as posições e em todas as idades; de modo que fica demonstrado que atacar o cristianismo, desprezá-lo, abandoná-lo, permanecer indiferente a suas prescrições salutares, não é apenas uma ingratidão, mas um suicídio.

Assim é que o método de Santo Agostinho, dando a conhecer o verdadeiro espírito da religião, que é o amor, desenvolve na alma da criança esse sentimento divino muito mais que o temor. Já não

somos os escravos do Sinai, mas os filhos do Calvário. Para os bem-amados do Verbo feito carne e tornado nosso irmão, queremos que Deus seja muito menos um juiz irritado, um senhor severo que um pai terno e um amigo. Daí o cuidado contínuo que temos de apresentar a religião, o que é verdadeiro, como um imenso benefício. Daí também o mesmo cuidado de fazer sair de cada fato, de cada explicação essa grande verdade: DEUS AMANDO OS HOMENS.

Desde Adão até nós, todos os tempos são chamados em testemunho. A cada século perguntamos: Deus vos amou? e cada século nos responde oferecendo a nossos olhares as provas numerosas e especiais do amor de Deus por ele.

Se, pois, considerais de um só golpe de vista a exposição da religião em seu majestoso conjunto, tereis, de todas as histórias, a mais comovente e a mais variada, a história completa da caridade de Deus para com o homem. Em quaisquer pontos da duração das idades que fixeis vossos olhares, encontrareis a prova sensível dessa verdade, capaz de amolecer um coração de bronze:

DEUS É UM PAI QUE CRIOU O HOMEM PONTÍFICE E REI DO UNIVERSO, QUE O COLMOU DE GLÓRIA E DE FELICIDADE, E QUE, DEPOIS DE SER INDIGNAMENTE OFENDIDO POR ESSA CRIATURA FAVORITA, NÃO CESSOU UM SÓ INSTANTE, APESAR DE TANTA INGRATIDÃO, DE TRABALHAR, DESDE O COMEÇO DO MUNDO, PARA REPARAR O MAL QUE ESSE FILHO CULPADO FEZ A SI MESMO AO SEPARAR-SE DE SEU PAI; DE CONSOLÁ-LO, DE ENCORAJÁ-LO, DE REMOVER O CÉU E A TERRA PARA FORNECER-LHE OS MEIOS DE RECUPERAR COM VANTAGEM SUA FELICIDADE PERDIDA E ASSEGURAR-LHE A POSSE DELA DURANTE OS SÉCULOS SEM FIM DA ETERNIDADE.

Magnífica história que, para o coração, resume Deus, o homem, o mundo, o tempo e a eternidade numa só palavra: AMOR.

Como, para o espírito, resume todas essas coisas numa só palavra: CRISTO.

Cristo e AMOR! eis as duas palavras que encerram todo o nosso ensino, quanto ao espírito e quanto à letra. É por isso que essas duas palavras divinas são postas como epígrafe nesta obra. Possam ser a eterna divisa dos espíritos e dos corações!

Depois da sexta edição do Grande Catecismo, compusemos dois outros inteiramente calcados sobre o primeiro. Um se dirige às crianças de sete anos, o outro às crianças que se preparam para a primeira comunhão. Nessas duas obras, como no Resumo já conhecido, encontra-se o mesmo plano, as mesmas definições, as mesmas respostas: só há diferença do mais ao menos. Assim, a criança de sete anos que sabe seu Pequeno Catecismo conhece a quarta parte do Catecismo preparatório da primeira comunhão; a criança que sabe o Catecismo preparatório conhece a metade, aproximadamente, do Resumo destinado aos que já fizeram a primeira comunhão. Vem em seguida a grande Obra, em oito volumes, que completa todas as outras.

Essa reunião única de Catecismos que se vão desenvolvendo com as diferentes idades, permanecendo os mesmos, apresenta a inapreciável vantagem de uma marcha perfeitamente uniforme na instrução religiosa. Ou estamos em erro, ou deve resultar daí, para a juventude, uma grande facilidade de instruir-se e, para os mestres, um poderoso meio de elevá-la com segurança e quase sem esforço à plenitude da ciência do cristianismo. Alcançar esse duplo fim foi para nós,

desde vários anos, o objeto constante de um trabalho obstinado e menos fácil talvez do que se pensa. Possamos não ter ficado muito aquém dessa grande tarefa!

Notas

[1] Seremos julgados com justiça ao crer que não condenamos o raciocínio e o método de discussão no ensino da religião; mas cremos que o método de exposição indicado por Santo Agostinho é preferível. Tal é também o parecer de Tertuliano, de São Cipriano, de São Francisco de Sales; ver seu Esprit, sect. XVI, 3ª part., c. I, p. 169.

[2] Sl 18, 1.

[3] Ex 8, 19.

[4] Sl 117.

[5] Noverimus quia non sine magno discrimine de religionis veritate disputamus, quam tantorum sanguine confirmatam videmus. Magni periculi res si, post prophetarum oracula, post apostolorum testimonia, post martyrum vulnera, veterem fidem quasi novellam discutere præsumas. — São Máximo, Serm. de SS. Martyr.

[6] Ego peperi ovum, dizia Erasmo, Lutherus exclusit: fui eu que botei o ovo, Lutero o chocou.

[7] Lc 19, 14.

[8] 1 Jo 4, 8.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:42 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:42 by Admin